



A espacialidade do envelhecimento em memória autobiográfica no Pontal do Paranapanema

Fernando Henrique Ferreira de Oliveira¹

Carlos Alberto Feliciano²

Resumo: O cenário do envelhecimento populacional no Brasil e globalmente tem revelado mudanças significativas nas estruturas demográficas e nas percepções associadas à velhice. Segundo relatórios do Censo Demográfico e do Global AgeWatch, o Brasil destaca-se pela feminização do envelhecimento e pelo aumento da população idosa, superando inclusive nações europeias em número. Observa-se que a população idosa brasileira permanece ativa, sendo parte vital da composição econômica e familiar. O envelhecimento populacional é também abordado em contextos internacionais, comparando o Brasil com países do BRICS. A compreensão do envelhecimento é multidimensional, sendo influenciada por fatores biológicos, culturais e cronológicos. O investimento em políticas públicas voltadas para o envelhecimento ativo é crucial para enfrentar os desafios e estereótipos associados à velhice.

Palavras-chave: Envelhecimento populacional; População Idosa; Políticas Públicas; Brasil; BRICS.

The spatiality of aging in autobiographical memory in Pontal do Paranapanema

Abstract: The scenario of population aging in Brazil and globally revealed significant changes in demographic structures and perceptions associated with old age. According to reports from the Demographic Census and Global AgeWatch, Brazil stands out for the feminization of aging and the increase in the elderly population, surpassing inclusive European nations in number. It should be noted that the Brazilian elderly population remains active, being a vital part of the economic and family composition. Population aging is also addressed in international contexts, comparing Brazil with the BRICS countries. The understanding of aging is multidimensional, being influenced by biological, cultural and chronological factors. Investment in external public policies for active aging is crucial to face the challenges and stereotypes associated with the elderly.

Keywords: Population-ageing; Elderly Population; Public policy; Brazil; BRICS.

¹Doutor em Geografia (FCT/UNESP), Mestre em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente (UNIARA), Licenciado e Bacharel em Geografia (FCT/UNESP). E-mail: fer_henrique15@hotmail.com.

²programa de pós-graduação em desenvolvimento territorial na américa latina e caribe - UNESP. Atualmente concursado como Pesquisador III da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Campus de Presidente Prudente, Universidade Estadual Paulista - UNESP.

Introdução

Envelhecer é uma experiência fundamentalmente humana, que está intrinsecamente ligada ao espaço em que vivemos. Em um mundo cada vez mais influenciado por ideais neoliberais, onde o envelhecimento é muitas vezes estigmatizado e visto como um problema a ser evitado, é essencial compreender o contexto em que os idosos brasileiros estão envelhecendo.

Nesse sentido, a geografia desempenha um papel crucial na ampliação do debate sobre o envelhecimento populacional e humano. Este artigo tem como objetivo principal explorar as condições de vida dos idosos brasileiros por meio de uma análise geográfica. A partir dessa abordagem, busca-se compreender como a relação entre envelhecimento, espaço e sujeitos se desenrola e influencia a vivência dos idosos.

Uma das hipóteses centrais é que o envelhecimento não é um processo isolado, mas sim uma experiência intrínseca vivenciada ao longo da vida por homens e mulheres. Essa perspectiva desafia os geógrafos contemporâneos a repensarem suas concepções e a considerarem o envelhecimento como um desafio social relevante.

Ao examinar o trabalho de Paiva (2014), fica evidente como o capitalismo tem contribuído para transformar o envelhecimento em uma tragédia social. Os idosos muitas vezes são estigmatizados, vistos como sujeitos descartáveis, dependentes e inativos, e são responsabilizados pelos problemas associados a essa fase da vida. Essa culpabilização revela a necessidade de uma reflexão crítica sobre as percepções e atitudes em relação aos idosos na sociedade contemporânea.

Adotando uma abordagem multidimensional do espaço, percebe-se que tanto os seres humanos quanto o espaço estão em constante transformação. Existe uma relação indissociável entre sujeito e espaço, em que ambos se influenciam e coexistem. O espaço geográfico é uma dimensão complexa e multifacetada da realidade, onde a vida se materializa por meio das interações entre as pessoas e o ambiente ao seu redor.

É fundamental reconhecer a inseparabilidade entre o material e o imaterial, assim como entre o espaço e os sujeitos. O espaço não é apenas uma superfície material, mas também uma construção social que reflete as relações e interações entre as pessoas. Para compreender plenamente as experiências espaciais dos idosos, é necessário analisar as relações sociais que moldam e produzem o espaço em que eles vivem.

O envelhecimento populacional é um fenômeno complexo e dinâmico que se manifesta globalmente nos dias de hoje. Ele pode ser analisado em duas dimensões inter-relacionadas: a dimensão individual, inerente ao sujeito que envelhece, e a dimensão do espaço e território em que ocorre esse processo. De acordo com Santos (2006), a geografia tem como função estudar de forma inseparável os sistemas de objetos e ações que constituem o espaço.

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina. Através da presença desses objetos técnicos: hidroelétricas, fábricas, fazendas modernas, portos, estradas de rodagem, estradas de ferro, cidades, o espaço é marcado por esses acréscimos, que lhe dão um conteúdo extremamente técnico (SANTOS, 2006, p.63).

A compreensão integrada dos sistemas de objetos e ações é essencial para uma leitura significativa do espaço, pois é por meio dessa interação dinâmica que ele adquire forma e se transforma. Evitar abordagens essencialistas e dualistas nos permite adotar uma perspectiva geográfica que abarca a realidade em seu movimento, considerando tanto as dimensões materiais quanto as imateriais, os objetos e as relações em sua totalidade. Dessa forma, reconhecemos o papel ativo do espaço nos processos sociais e a influência das práticas espaciais dos sujeitos na dinâmica da sociedade.

Essa abordagem está alinhada com as ideias de Santos (2006), que defende a compreensão inseparável das dimensões espaço-temporais como elementos constitutivos da realidade. Assim, é fundamental analisar essas dimensões de forma integrada, considerando o espaço e o tempo como elementos operacionais e interdependentes.

Compreendemos, portanto, que o material não está dissociado do imaterial, o corpo não está separado da mente, o concreto não está apartado do abstrato. A partir dessa premissa, reconhecemos que não é possível estudar o espaço e os sujeitos sociais sem levar em conta a interação entre corpo e mente, pois essas dimensões coexistem de maneira indissociável. Assim, superar polaridades e dualidades é um exercício necessário para uma análise aprofundada do nosso objeto de estudo. Além disso, devemos reconhecer que toda imaterialidade ou pensamento emerge de uma materialidade, ou seja, de um sujeito encarnado e situado no espaço. Portanto, defendemos a lógica da inseparabilidade dessas categorias.

O envelhecimento populacional é amplamente reconhecido como uma questão social relevante na sociedade contemporânea. Trata-se de um processo complexo em curso, que gera mudanças estruturais na dinâmica social, impactando os indivíduos, o Estado, os sistemas de saúde, a previdência social e as políticas públicas. Nesse contexto, Little (2016) propõe que consideremos o envelhecimento como um desafio global que requer ações e atitudes tanto por parte dos governos quanto da sociedade em geral. Compreende-se que esse processo se tornou um dos principais desafios do século atual, exigindo novas

abordagens do Estado e da sociedade.

O envelhecimento deixou de ser uma questão pessoal e tornou-se um tema social de grande importância que precisa ser compreendido pela sociedade como um todo. Um dos nossos objetivos é compreender as condições em que os idosos no campo vivem, investigando se estão envelhecendo de forma saudável e digna, a fim de desconstruir a associação entre envelhecimento e dependência.

Nosso texto parte do pressuposto de que o envelhecimento é muito mais do que um processo uniforme ou linear. É um fenômeno multidimensional, influenciado por uma miríade de fatores que vão desde questões biológicas e culturais até condições sociais, econômicas e estilos de vida. Compreender a interação complexa desses elementos nos permite desvendar as transformações na estrutura etária da população, resultando em um aumento significativo do número de pessoas acima de uma determinada faixa etária, considerada o início da velhice.

No âmbito do estudo das experiências dos idosos com os lugares, a abordagem espacial assume um papel crucial. Ela nos permite mergulhar nos aspectos da vida cotidiana e nas diversas dimensões do envelhecimento, ao explorar as histórias entrelaçadas entre pessoas e lugares, bem como a memória e a percepção desses indivíduos em relação aos eventos e espaços. Ao focar a dimensão do cotidiano e as estratégias de adaptação e permanência, somos capazes de entender como os idosos estabelecem relações profundas com seus corpos e com o ambiente ao seu redor. Através dessas vivências espaciais, buscamos decifrar como o espaço pode tanto facilitar quanto dificultar as experiências de envelhecimento e a rotina diária em uma comunidade.

É imprescindível destacar que o aumento da longevidade é considerado um triunfo do desenvolvimento humano, uma das maiores conquistas da nossa história. No entanto, é preocupante constatar que as políticas não têm acompanhado o ritmo demográfico, conforme alertou a instituição AgeWatch em 2015. Enquanto celebramos o prolongamento da vida, é necessário refletir sobre como a sociedade pode se adaptar a essa nova realidade e garantir que os idosos desfrutem de uma qualidade de vida plena e inclusiva. A resposta a esse desafio requer uma revisão profunda das políticas e práticas existentes, uma verdadeira transformação que priorize o envelhecimento saudável e digno para todos os cidadãos.

O envelhecimento da população brasileira – uma análise geográfica

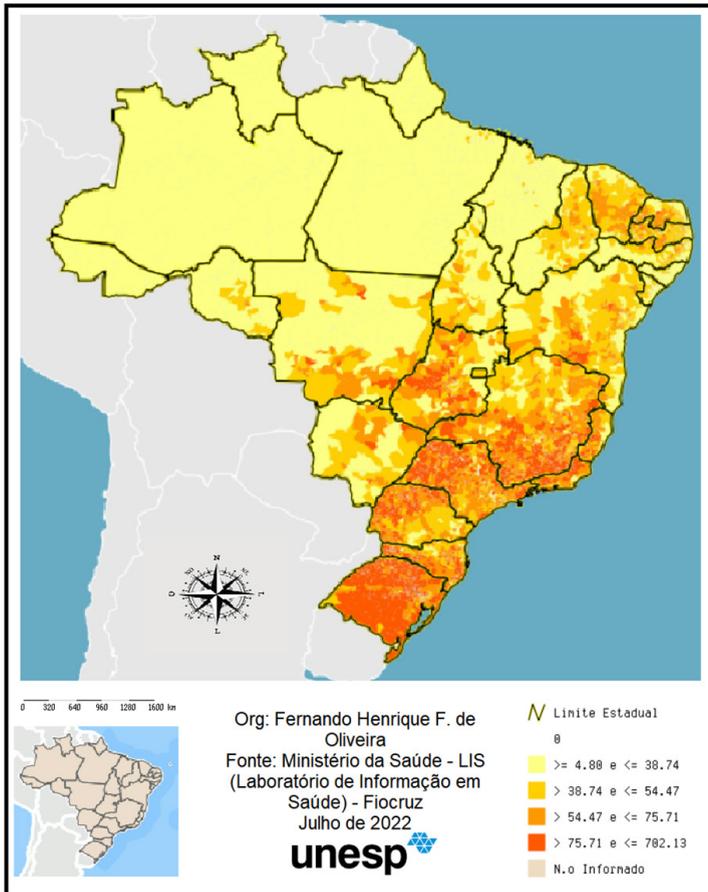
Nas últimas décadas, o processo de envelhecimento da população mundial tem sido intenso. No Brasil, estima-se que existam mais de 20 milhões de idosos, ou seja, pessoas com 60 (sessenta) anos ou mais. De acordo com o Estatuto do Idoso (2013), “o país está em 6º lugar no ranking de países com maior número de população idosa do mundo” (BRASIL, 2013, p.5). Assim, partindo desse universo onde as mulheres idosas estão crescendo em número e ocupando destaque

Oliveira & Feliciano

na pirâmide etária, demonstramos a necessidade de compreender as múltiplas dimensões do envelhecimento e suas implicações para a sociedade atual.

O mapa a seguir representa o envelhecimento com base na proporção de idosos nos estados do Brasil, permitindo uma visualização espacial dessa realidade. É evidente que as regiões Sul e Sudeste apresentam os maiores índices de envelhecimento, seguidas pelo Nordeste e Centro-Oeste. Por outro lado, os estados da região Norte possuem o menor índice de envelhecimento no país.

Mapa 1 - Índice de Envelhecimento da População Brasileira.



Fonte: Oliveira (2022).

Gráfico 1 - Proporção de idosos residentes em área urbana.

Fonte: Oliveira (2022).

Gráfico 2 - Proporção de idosos residentes em área rural.

Fonte: Oliveira (2022)

Ao -analisarmos os gráficos vinculados ao mapa, fica claro que há diferenças significativas no envelhecimento entre áreas urbanas e rurais nas regiões brasileiras. Nas áreas urbanas do Sudeste e Centro-Oeste, encontramos proporções mais elevadas de idosos. Nas décadas de 2000 e 2010, a região Sul tinha a terceira maior proporção de população idosa, seguida pelas regiões Norte e Nordeste, enquanto os municípios apresentavam a menor proporção de população idosa.

Entretanto, a situação se inverte nas zonas rurais. Em 2000 e 2010, o Nordeste possuía a maior proporção de idosos rurais no Brasil, seguido pelas regiões Norte e Sul. O Centro-Oeste ocupava a quarta posição, e o Sudeste era a região com a menor proporção de população idosa nessas áreas. Esses dados revelam a correlação entre o processo de urbanização do Brasil e o envelhecimento, com ênfase nas áreas litorâneas, principalmente no eixo centro-sul do país.

Essas informações destacam a importância de compreendermos as especificidades regionais e espaciais no envelhecimento da população, a fim de desenvolver políticas e programas adequados que atendam às necessidades e demandas das diferentes áreas. O mapeamento do envelhecimento nos estados do Brasil fornece insights valiosos para a formulação de estratégias voltadas para o bem-estar e a qualidade de vida dos idosos em todo o país.

Esses dados fornecem uma visão geral das características sociodemográficas dos idosos no Brasil, destacando tanto aspectos positivos, como a participação ativa na economia e a redução da pobreza, quanto desafios, como o aumento do número de idosos vivendo sozinhos e a concentração em determinadas regiões. Essas informações são importantes para o desenvolvimento de políticas e programas que atendam às necessidades específicas dessa população em constante crescimento.

O Índice Global de Envelhecimento, desenvolvido pelo Instituto Help Age em 2013, representa uma abordagem abrangente e reveladora sobre o bem-estar dos idosos em diversas nações. Ao considerar quatro áreas-chave – renda, saúde, capacidade (educação e emprego) e ambiente favorável ao envelhecimento – esse índice fornece insights cruciais para entender a realidade dos idosos em cada país.

O Brasil ocupa a 56ª posição nesse índice, apresentando desempenho notável em termos de renda, presente na 13ª posição. O país exibe alta cobertura previdenciária, com impressionantes 83%, e uma baixa taxa de pobreza na terceira idade, registrando apenas 8,8%. No entanto, a classificação moderada em saúde (43ª posição) e capacidade (58ª posição) indica que há espaço para melhorias nesses domínios.

Os dados revelam que a questão do ambiente favorável ao envelhecimento é um desafio no Brasil, com insatisfação expressiva em relação ao transporte público (45%) e à segurança (28%). É inegável que, apesar de avanços significativos, ainda há muito a ser feito para proporcionar um ambiente seguro e amigável aos nossos idosos.

A análise desse índice nos leva a uma conclusão: a população mundial está envelhecendo rapidamente, impulsionada pela redução das taxas de fecundidade e pelo aumento da expectativa de vida. Esse fenômeno não se limita a um país ou região específica; é uma realidade global.

Contudo, é interessante notar que os países mais bem classificados, geralmente encontrados em regiões industrializadas com altos indicadores sociais, têm se

destacado por investir em políticas voltadas para o envelhecimento ativo. Eles priorizam habilidades, saúde e um ambiente propício ao bem-estar dos idosos.

Em contrapartida, os países nas últimas posições frequentemente estão em regiões com baixos níveis de industrialização e indicadores sociais insuficientes. A falta de políticas de desenvolvimento focadas na população é um fator determinante para sua colocação desfavorável no índice. Conflitos armados também afetam negativamente o bem-estar dos idosos em algumas dessas regiões.

Olhando para o cenário brasileiro, fica evidente que estamos enfrentando um processo de envelhecimento, com uma parcela significativa da população (10% a 19%) com 60 anos ou mais. As projeções apontam que, até 2050, o Brasil será uma sociedade com uma grande proporção de idosos, variando de 20% a 29% da população nessa faixa etária.

Comparativamente ao grupo BRICS, o Brasil se destaca em questões previdenciárias, ficando atrás apenas da China no Índice de Envelhecimento Global. É um sinal de que nossos esforços no âmbito previdenciário são bem-sucedidos, mas ainda há espaço para aprimoramentos em outras.

A pesquisa realizada pelo Censo Demográfico em 2010 revelou um aspecto de particular importância quando se analisa o cenário do movimento populacional no Brasil: a feminização do envelhecimento. Essa tendência se manifesta através de uma maior proporção de mulheres em faixas etárias mais avançadas. Além disso, outra característica marcante do envelhecimento da população brasileira é a elevação da parcela de idosos com idade superior a 80 anos. De fato, os dados divulgados pela agência demonstram que a população idosa do Brasil já ultrapassa em número a totalidade da população de diversos países europeus, tais como França, Itália e Reino Unido. Números precisos indicam que mais de 22 milhões de indivíduos no Brasil têm 60 anos de idade ou mais, enquanto a população dessas nações europeias varia entre 14 e 16 milhões (IBGE, 2010).

Essa mudança no perfil etário também é destacada por Minayo (2011), que ressalta o notável aumento na expectativa de vida dos idosos no Brasil. De acordo com suas observações, durante o período de 1997 a 2007, a população brasileira na faixa etária de 60 a 69 anos apresentou um crescimento relativo de 21,6%. Contrastando com isso, o grupo de 80 anos ou mais registrou um aumento substancial de 47,8%, chegando a surpreendentes 65% em algumas localidades (MINAYO, 2011).

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2010, aproximadamente 85% dos idosos brasileiros se mantêm ativos e produtivos. Muitos desses indivíduos continuam trabalhando como forma de aumentar sua renda, mantendo-se também como líderes familiares.

Quanto às características sociodemográficas, a PNAD traz à tona uma série de dados notáveis: um aumento considerável no número de idosos que

Oliveira & Feliciano

vivem de forma independente, totalizando 6,7 milhões, sendo que 40% destes são do sexo feminino; uma notável participação dos idosos na composição da renda familiar global, fenômeno já presente em 53% dos municípios; uma concentração notável da população idosa em determinadas regiões (9,4 milhões no Sudeste e 5,1 milhões no Nordeste) e nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul; um predomínio evidente em áreas urbanas (17 milhões em comparação com 3,4 milhões em áreas rurais); uma diminuição significativa na proporção de idosos vivendo em situação de pobreza, cifrada em 12,2% (correspondendo a 2,5 milhões), com uma média mensal de rendimento domiciliar per capita de até meio salário-mínimo, sendo que a maioria desses casos encontra-se em áreas rurais do Nordeste; e, por fim, um aumento notável de lares intergeracionais, com 9,7 milhões de domicílios e 38 milhões de indivíduos de diferentes gerações compartilhando uma mesma moradia (MINAYO, 2011).

De acordo com o relatório do Global AgeWatch (2015), o envelhecimento populacional global é um fenômeno em curso, impulsionado pela redução das taxas de fecundidade e pelo aumento da expectativa de vida. Antecipa-se que a demografia idosa crescerá em todas as regiões do planeta.

Essas tendências demográficas ressaltam que as experiências da terceira idade estão intrinsecamente ligadas a contextos geográficos distintos. As nações mais desenvolvidas nesse aspecto, situadas em regiões altamente industrializadas e com marcantes indicadores sociais, têm demonstrado maior engajamento na implementação de políticas e programas destinados a fomentar um envelhecimento ativo. Tais abordagens visam promover a saúde, habilidades e um ambiente propício para os idosos (Quadro 1).

Em contrapartida, os países que ocupam os últimos lugares no índice estão geograficamente situados em regiões menos industrializadas, caracterizadas por indicadores sociais defasados, o que denota uma deficiência geral em políticas de desenvolvimento voltadas para a população idosa. Vale ressaltar que alguns dos 102 países avaliados estão atualmente imersos em zonas de conflito, fato que impacta negativamente nas avaliações das respectivas regiões. Em consonância com isso, a constatação emerge de que “as vivências dos idosos variam consideravelmente com base no local de residência” (GLOBAL AGEWATCH, p. 1, 2015).

No contexto brasileiro, o índice corrobora a caracterização da nação como uma sociedade envelhecida, com uma proporção aproximada de 10% a 19% da população com 60 anos ou mais. As projeções indicam que até o ano de 2050, o país adentrará rapidamente em um estágio de envelhecimento acentuado, com uma estimativa de 20% a 29% da população situada na faixa etária de 60 anos ou mais (Quadro 2).

Quadro 1 - Os BRICS no Índice Global de Envelhecimento.

Países BRICS	Posição Geral	% Idosos em 2015	Idosos (2015)	% Idosos em 2030	Idosos (2030)	Taxa de Envelhecimento (2015-2030)
China	52	15,2	209.2 mi	25,3	358.1 mi	3,6%
Brasil	56	11,7	24.4 mi	18,8	42,9 mi	3,8%
Rússia	65	20,0	28.7 mi	24,0	32.2 mi	1,0%
Índia	71	8,9	116.6 mi	12,5	190.7 mi	3,3%
África do Sul	78	7,7	4.2 mi	10,5	6.3 mi	2,7%

Fonte: Adaptação de Help Age Institute – 2015.

Quadro 2 - Os indicadores sociais dos BRICS no Índice Global de Envelhecimento.

Países BRICS	% da população com idade igual a superior a 65 anos a receber a uma aposentadoria ou pensão	Esperança de vida aos 60 (anos)	% da população com idade igual a superior a 60 anos com educação secundária ou superior
China	74.4	19	30.1
Brasil	86.3	21	26.6
Rússia	100.0	17	70.1
Índia	28.9	17	22.4
África do Sul	92.6	16	47.2

Fonte: Adaptação de Help Age Institute – 2015.

o compararmos os indicadores com os dos países do grupo BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), o relatório constata que o Brasil exibe um posicionamento favorável no âmbito das questões previdenciárias, apresentando uma abrangência e segurança de renda mais sólidas no sistema de pensões e aposentadorias. Nesse contexto de países, o Brasil se coloca em uma posição secundária, situando-se atrás apenas da China no que se refere ao Índice de Envelhecimento Global.

Apesar das influências das políticas neoliberais e das repercussões da recente crise que impactou esse conjunto de nações nos últimos anos, observou-se um certo avanço nas políticas e práticas voltadas para a salvaguarda e promoção dos direitos dos idosos em todas as partes do

globo. Por conseguinte, compreendemos que uma apreensão plena do fenômeno do envelhecimento demanda a consideração de definições que englobem as diversas facetas do ser idoso, seja em relação às dimensões biológicas, culturais ou meramente demarcadas por critérios cronológicos. Portanto, impera a necessidade de conferir visibilidade a esses indivíduos, suas interações espaciais e seu papel na tessitura social.

No contexto brasileiro, a legislação nacional, disposta na Lei nº 8.842/1994 e no Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741/2003, define como idosos as pessoas com idade superior a 60 anos. Essa delimitação é significativa para a compreensão do envelhecimento em solo brasileiro.

Os dados provenientes do censo de 2010 atestaram um acréscimo na quantidade de idosos no Brasil, isto é, na parcela da população com 60 anos ou mais. Especificamente, o ápice da pirâmide etária do país registrou um incremento de aproximadamente 7,4%.

A representatividade dos grupos etários no total da população em 2010 é menor que a observada em 2000 para todas as faixas com idade até 25 anos, ao passo que os demais grupos etários aumentaram suas participações na última década. O grupo de crianças de zero a quatro anos do sexo masculino, por exemplo, representava 5,7% da população total em 1991, enquanto o feminino representava 5,5%. Em 2000, estes percentuais caíram para 4,9% e 4,7%, chegando a 3,7% e 3,6% em 2010. Simultaneamente, o alargamento do topo da pirâmide etária pode ser observado pelo crescimento da participação relativa da população com 65 anos ou mais, que era de 4,8% em 1991, passando a 5,9% em 2000 e chegando a 7,4% em 2010 (IBGE, 2010, p.5).

No entanto, o contingente de jovens apresentou uma diminuição, passando de 4,9% em 2000 para 3,7% em 2010. Essas informações delineiam um quadro de crescimento da população adulta no país, ressaltando um notório aumento na quantidade de indivíduos idosos (IBGE, 2010).

De acordo com Jahn (2018), o processo de envelhecimento populacional pode ser explicado por dois processos. O primeiro refere-se ao envelhecimento pela base, caracterizado pela redução das taxas de fecundidade, o que resulta na diminuição da proporção de jovens e no incremento da proporção de idosos na população. O segundo enfoque é o envelhecimento “de cima para baixo”, que se relaciona a uma menor taxa de mortalidade entre os idosos e, por conseguinte, uma expectativa de vida mais elevada para essa faixa etária.

Apesar das iniciativas para desconstruir estereótipos e narrativas pessimistas acerca da velhice, é relevante assinalar que as perspectivas neoliberais sobre os idosos ainda predominam, especialmente no contexto econômico. Essa visão concebe o envelhecimento como um ônus para os sistemas de saúde e previdência, relacionando-o a crises. No entanto, é evidente que existem

abordagens alternativas para compreender esse processo. Por meio de políticas públicas coordenadas e respaldadas, é possível enxergar o envelhecimento como um investimento capaz de melhorar as condições de vida das sociedades e reduzir as disparidades que muitas vezes se acentuam na terceira idade.

O relatório do Global AgeWatch (2015) enfatiza que as nações que direcionam investimentos e apoiam o desenvolvimento humano ao longo de toda a vida estão moldando um cenário futuro propício ao envelhecimento. Isso resulta em pessoas vivendo não apenas mais, mas também de maneira mais plena na velhice. Inspirando-se na trajetória japonesa, o relatório ilustra como o Japão não apenas envelheceu enquanto nação, mas também se tornou um dos países mais saudáveis, ativos e desenvolvidos do mundo.

[...] um investimento em uma política social abrangente, que introduziu um sistema universal de saúde, uma pensão universal e um plano para a redistribuição de rendimento, baixas taxas de desemprego e tributação progressiva. Este investimento foi recompensado com uma força de trabalho mais saudável e uma maior longevidade (GLOBAL AGEWATCH, p. 2, 2015).

Diante das considerações expostas, em nossa análise, é fundamental não apenas valorizar as contribuições que os idosos proporcionam às famílias, economias e sociedades, mas também reconhecer a diversidade que caracteriza as distintas vivências dessa população e reexaminar os estereótipos ligados a essas experiências. Estamos diante de uma verdadeira revolução da longevidade, na qual o próprio envelhecimento emerge como um dos triunfos mais significativos da sociedade humana, catalisando transformações nas dinâmicas familiares, sociais e no desenvolvimento econômico.

O envelhecimento humano: uma jornada de reflexões e desafios

O envelhecimento é uma parte inerente da existência humana, um processo que permeia toda a nossa vida, desde o momento do nascimento até o derradeiro suspiro. Essa jornada compartilhada é vivenciada por todos nós, independentemente de origem, cultura ou status social. No entanto, é crucial reconhecer que nem todos têm a oportunidade de envelhecer de maneira satisfatória e digna, com acesso a direitos fundamentais, bem-estar, saúde e qualidade de vida. Mesmo no século XXI, as desigualdades persistem, revelando-se nas condições em que as pessoas enfrentam o processo de envelhecimento.

Diante desse contexto, torna-se necessário promover debates e discussões acerca do envelhecimento, com o intuito de fomentar uma maior conscientização sobre as questões que envolvem essa fase da vida. Precisamos assegurar o bem-estar dos indivíduos idosos, garantindo que tenham uma experiência enriquecedora e digna, repleta de oportunidades e pleno acesso aos recursos necessários para uma vida satisfatória.

Ainda que tenhamos avançado significativamente como sociedade, é fundamental reconhecer que existem lacunas a serem preenchidas. Muitos idosos enfrentam desafios consideráveis, desde a falta de acesso a serviços de saúde adequados até a carência de atividades de lazer e entretenimento. Essas disparidades ressaltam a importância de direcionar esforços para enfrentar as desigualdades presentes no processo de envelhecimento.

À medida que nos aprofundamos nesse tema crucial, somos confrontados com a realidade de que o envelhecimento não é apenas uma questão individual, mas também uma questão coletiva. Precisamos reconhecer que a sociedade como um todo é responsável por criar um ambiente propício ao envelhecimento saudável e satisfatório. Essa consciência nos convoca a tomar medidas concretas para garantir que todos os indivíduos, independentemente de sua idade, tenham acesso a recursos e oportunidades que promovam uma vida plena e significativa.

Em última análise, a discussão sobre o envelhecimento humano é mais do que uma reflexão acadêmica; é uma chamada à ação para todos nós. Devemos trabalhar coletivamente para superar as barreiras que impedem uma experiência de envelhecimento satisfatória e garantir que todos possam desfrutar de uma jornada digna ao longo de suas vidas. Somente assim poderemos construir uma sociedade verdadeiramente inclusiva e que valorize plenamente cada fase da existência humana.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso** – 3. ed., 2. reimpressão. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

HELP AGE INTERNATIONAL. **Insight Report**. 2015. Disponível em: www.helpage.org/global-agewatch. Acesso em: 10 jan. 2023.

JAHN, Elisiane de Fátima. **Envelhecimento, campesinato e o crédito consignado: o papel educativo de Movimentos Sociais em relação às estratégias de educação financeira com idosas camponesas e idosos camponeses**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós – Graduação em Educação, Porto Alegre, RS, 2018.

LITTLE, Willian. Aging and the Elderly. *In: Introduction to Sociology* – 2nd Canadian Edition. OpenStax College, 2016.

MENDES, Lidiana de Pinho; OLIVEIRA, Fernando Henrique Ferreira de. Os vulneráveis em tempos de pandemia. **Revista Pegada**, v. 21, n. 2 (2020).

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Prefácio: Envelhecimento demográfico e lugar do idoso no ciclo da vida brasileira. *In: Nós e o outro*: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa. Organizado por TRENCH, Belkis; ROSA, Tereza Etsuko da Costa. São Paulo: Instituto de Saúde, 2011. 290p.

OLIVEIRA, Fernando Henrique Ferreira de Oliveira. **O envelhecimento do ser no espaço**: memórias de idosos em contextos de luta e conquista da terra no Pontal do Paranapanema - São Paulo - Brasil. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia. FCT - Unesp, Presidente Prudente, 2022.

PAIVA, Sálvea de Oliveira Campelo. **Envelhecimento, saúde e trabalho no tempo do capital**. Cortez Editora, 2014.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 2006.